



# A CIGARRA

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros) . . . . .	480000
OITOMESES (até ao fim deste anno) . . . . .	320000
SEMESTRE (26 numeros) . . . . .	250000
NUMERO AVULSO . . . . .	10000
SUPPLEMENTO . . . . .	500
NUMEROS ATRASADOS . . . . .	10500
SUPPLEMENTOS ATRASADOS . . . . .	10000

Escriptorio, Rua Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 4 de Julho de 1895

N. 9

## A CIGARRA

Desde o nosso apparecimento, não houve ainda um só dia em que não recebessemos pelo correio, não só da capital como de varios pontos do interior, cartas de collegios, clubs, sociedades litterarias e musicaes, bibliothecas, etc., pedindo-nos a remessa gratuita d'*A Cigarra*.

Ora, quem sabe como é cara a impressão no Brasil deve imaginar que somma de esforços exige a manutenção de uma folha como esta, nos primeiros tempos de sua existencia. Enviámos *A Cigarra*, gratuitamente, ás principaes bibliothecas e aos principaes jornaes do Brasil. Se do mesmo modo fossemos envia-la a todas as pequenas folhas que formigam nos Estados, nem o quintuplo da nossa tiragem chegaria para attender a tantos pedidos. E é preciso ainda contar com os *amigos d'A Cigarra*, que descobriram, para demonstrar a sua amizade, este meio facil: não lhe dar dinheiro a ganhar.

Acabemos com isso! *A Cigarra* só é enviada gratuitamente ás principaes bibliothecas, aos principaes jornaes e aos principaes homens de lettras do paiz. Mas, para que ninguem se queixe de nós, aqui repetimos o que já foi dito.

Ha um meio comodo, facil, natural, delicioso de obter uma assignatura gratuita da mais bella publicação illustrada do Brasil: — é obter quatro assignaturas quites. Basta enviar á administração o importe das quatro assignaturas e o endereço dos quatro assignantes, para ter o direito de admirar de graça *A Cigarra*.





**A** PRESENÇA de um grande telepatha nesta cidade devia ser actualmente aproveitada por quantos se interessam, no Rio de Janeiro, pelas sciencias occultas. Não sei bem como é o nome do cavalheiro que por ahi anda a penetrar os pensamentos alheios. E' um nome russo, cuja terminação em *off* já traz em si um grande mysterio, como tudo quanto é russo.

\*\*\*

O tempo dos prestidigitadores e dos illusionistas passou. Antigamente a platéa fluminense contentava-se com pouco. O illusionista apresentava-se com as mangas arregaçadas, a casaca folgada,—de modo a poder conter sob as suas abas fortes algumas duzias de surpresas e de illusões,—e começava a discursar diante do publico attonito, n'uma lingua arrevesada, em que os barbarismos se atropellavam, e que auxiliava grandemente, por pouco comprehensivel que era, as habilidades do prestimano. O homem pedia um chapéo, sacudia-o no ar com furia, olhava fingindo espanto o seu bojo, e desatava a tirar de lá um turbilhão de cousas varias—pombos que batiam azas assustadas no ar pesado da sala, tontos, cégados pela luz, atordoados pelo zum-zum do povo; fitas interminaveis, de varias cores, desdobrando-se n'um arco-iris vivo; caçarolas, cheias de peixes fritos, bocaes de vidro em que peixinhos vermelhos rabeavam; laranjas, creanças vivas;—que sei eu? todo um mundo. Apareceu aqui um, (como se chamava mesmo? tinha eu os meus doze annos de idade...) appareceu aqui um, que, de dentro de uma pobre e magra cartola, chegou a tirar um grande homem gordo, apenas um pouco menos gordo que o senador Abreu. As platéas deliravam. Havia por essas maravilhas um enthusiasmo louco.

\*\*\*

Onde vae esse tempo, santo Deus L... As platéas no Brasil educaram-se prodigiosamente, e estão hoje franca e definitivamente civilisadas... se bem que ainda não sabem lêr, escrever e contar. Não sabem lêr... mas, isso que importa? O que faz a civilização das massas não é o derramamento da instrução primaria: é o desenvolvimento da esperteza.

\*\*\*

E a esperteza hoje em dia está consideravelmente desenvolvida no Rio de Janeiro. Dir-me-ão que isso não é verdade, porque ainda ha gente, filha d'aqui, mais que muito habituada a conviver com gatunos e bilontras, e que, apesar disso, é diariamente victima do archi-estafado e do ultra — conhecido *conto do vigario*.

Mas isso é mais uma prova do que digo. Não é de admirar que ainda haja quem acredite no *conto do vigario*: o que admira, o que assombra, o que levanta os creditos da esperteza nacional é haver ainda quem o ponha em pratica, em novas variantes, com recursos engenhosos, dando-lhe vernizes que o restauram, aproveitando para efeitos originaes esse velhissimo processo, que já era naturalmente conhecido dos gatunos do tempo de Mem de Sá, — nosso venerabilissimo avô.

Nós somos agora de uma esperteza espantosa. Os meninos, quando nascem, já olham maliciosamente para as parteras, com olhos cheios de perguntas indiscretas. Pois, ainda ha pouco tempo, não nasceu no Brazil uma creança, que, quatro horas depois de vinda ao mundo, já fallava como qualquer de nós?

\*\*\*

Por causa justamente desse desenvolvimento da malicia e da finura das massas, e que já ninguem supporta os prestidigitadores.

Agora os occultistas, os telepathas, os suggestionadores, os remechedores dos segredos alheios,—esses fazem um successo phenomenal, captivam-nos a attenção, monopolizam-nos os applausos.

Oh! esses homens, grandes e poderosos como Deus, que a leguas de distancia, pelo telegrapho immaterial da vontade, transmittem ordens, curam molestias, descobrem crimes, desnudam consciencias,—pondo a alma dos outros em fraldas de camisa, á fresca, sem pudor, sem recato!...

Como não ha-de o povo admirar-os sem restricções, se eu mesmo, eu, descrente como um rochedo, tremo diante d'elles, vagamente atemorizado por esse poder sobrehumano? Mas, esses prescrutadores do espirito humano fazem-me ainda mais inveja do que medo. Que bom deve ser poder mergulhar o olhar, pelo olhar de uma mulher querida, até o fundo do seu pensamento, até o fundo do seu amor!

Vê se me entendes, tu que d'aqui a pouco lerás esta chronica...

\*\*\*

Emfim, este sujeito, meio italiano meio russo, que por ahi anda a fazer suggestões, talvez me possa dizer que não lhe dá ventura essa faculdade de adivinho. Ha tanta cousa na alma de uma mulher! Para que hei-de eu ter vontade de conhecer os teus pensamentos occultos, bella esphyngue que os Edipos da psychologia moderna interrogam em vão? Se eu conhecesse todas as tuas perfidias, todas as tuas pequeninas maldades,—teriam por acaso mais sabor os teus beijos, seria eu mais feliz?

Não! fiquem os charlatães do hypnotismo com as suas feitiçarias... Não quero que me ensinem o meio de conhecer o fundo dos pensamentos alheios. Para me desconsolar, para me dar o nojo da vida, já me basta saber eu o que ha no fundo do meu proprio pensamento...

Fantasio.



Vou contar-lhes um caso extravagante da minha vida. E' possível que, lendo-o, encolham desdenhosamente os hombros, e digam que não valia a pena perder tanto tempo em ler tanta mentira. Mas, se eu, em vez de mascarar prudentemente os personagens do meu conto, os puzesse aqui com os seus verdadeiros nomes,—tão conhecidos!—ninguem mais duvidaria da verdade do que vou narrar.



Foi ha tres annos, talvez. Laura era viuva. Viuva e rica. Rica e formosa. E moça! moça! moça de mais, para o seu estado de viuva. O marido,—commendador e gordo,—morrera de uma apoplexia. Ella, (expliquem lá estas extravagancias do coração feminino!) amava aquelle monstro, sincera e profundamente. Chorou, desesperou-se, e fechou-se n'uma chacara do Jardim Botânico, onde, apenas de longe em longe, recebia raras visitas privilegiadas.

Eu não conhecera Mendonça,—era esse o nome do commendador defunto. Quando a sua commenda baixou á terra e o seu espirito subiu ao céo, eu viajava. Depois, por intermedio de um parente, conheci Laura e comecei a frequentar-lhe a casa, mal recebido a principio, tolerado depois. Visitei-a, apaixonei-me, e comecei a fazer-lhe a côrte, com o desembarço e a imprudencia com que costume levar a cabo esses commettimentos. Ella supportava-me, desenganando-me sempre. Lembro-me de que me disse um dia, quando eu, com mais calor, lhe contava a minha paixão:

— Meu amigo, tenha juizo! Vou dizer-lhe o que até hoje lhe occultei. Se tolero e desculpo a côrte que me faz, não vá cuidar que entrevejo a possibilidade de um dia ceder ao seu desejo... Tolerô, porque o senhor, não sei porque, me traz sempre á lembrança meu marido. Ah! descance! não digo que se pareça com elle, nem no physico, nem no moral... Mas, não sei: ha no seu olhar, ás vezes, alguma cousa do olhar do defunto!



Devem comprehender que eu, se não amasse perdidamente a viuva, teria, ouvindo tão desagradavel declaração, desistido logo das minhas pretensões...

Mas amava-a, e persisti. Assim correram mezes. Fiz-lhe versos inflammados; transformei a minha conversação, para deslumbrá-la, em uma verdadeira pyrotechnia de phrases de ouro e de conceitos rutilantes; arruinei-me em gravatas incriveis e fatos de primor; deixei de fumar; mudei de hábitos, como o cameleão muda de pelles; fiz tudo. E nada conseguí. Até que um dia...



Oh! a recordação d'aquillo ainda hoje me põe a cabelleira arripiada, de pé, rigida como uma floresta de pinheiros bravos...

Na vespera, ao despedir-me, Laura dissera: — « Venha amanhã jantar commigo, senhor apaixonado. Jantaremos sós.—Disse-lhe que iria.

Fui. Achei-a muito pallida, vestida de negro, luto pesado, um fulgor de febre nos olhos. Trocámos poucas palavras, poucas e sem interesse; fomos jantar. Notei que havia tres talheres á mesa. Laura sentou-se á cabeceira. Fez-me occupar o lugar da direita; o da esquerda ficou vasio.

O criado servia-a, servia-me, e servia o conviva ausente, collocando junto ao logar desoccupado um prato cheio, que retirava logo depois, sem que alguém o houvesse tocado. Comecei a perder o appetite. Já o peixe não me poude passar da garganta. Não pude tirar mais os olhos d'aquelle logar vasio, horrivelmente vasio,—esperando a cada momento que o garfo se levantasse por si só, e que a posta de garoupa cozida em *sauce remoulade* ou a costelleta tostada desapparecesse dentro de uma bocca invisivel. E assim, n'um silencio sinistro, interrompido apenas pelo tinir dos talheres, comendo automaticamente, como n'um banquete de phantasmas, atravessei o supplicio d'aquelle jantar até a sobremesa.

A' sobremesa, a viuva, cuja mão tremia, explicou:

— Espanta-se? é que no dia de hoje, ha sete annos, o defunto casou commigo... Todos os annos elle vem, neste dia abençoado, e janta aqui. Sinto-o no ar, quasi que o vejo, ouço-lhe a respiração, e as suas soças arranham-me a face. Quiz que o senhor assistisse hoje ao nosso jantar de anniversario. Oh! não imagina! os seus olhos estão hoje brilhando justamente, positivamente, como os d'elle! Vamos para a sala, vamos...



Quiz levantar-me e não pude. Dentro em mim passava-se uma cousa que não sei dizer. Parecia-me que estava mudando de alma...

Consegui erguer o corpo da cadeira, por um esforço terrivel. Puz-me a andar, cambaleando.

A minha alma estava pesada, burgueza, opaca. Sentia no nariz uma titillação exquisita, como a de quem está com vontade de tomar rapé. Na ante-sala, olhando um esplendido quadro de Foss, não cogitei de admirar a perfeição e a doçura do seu colorido, mas comecei a imaginar quanto teria elle custado... Na sala, a viuva reclinou-se a um canapé. Fui á sacada e debrucei-me sobre o jardim.

Havia luar. A' claridade livida, as araucarias se balançavam, como espectros esguios.

Passavam sombras vagas, correndo sem rumo pelas alamedas. Vozes cochichavam na penumbra. Era uma noite de mysterio e pasmo, scenario digno de um drama de Maeterlink ou de Ibsen. Voltei para onde estava Laura. Ella olhava para mim fixamente, com uns olhos largos, compridos, desvairados.

Sentei-me junto della. Não sei como, ousei beijá-la. Deilhe na bocca um beijo grave, circumspecto, comedido, um verdadeiro beijo de commendador... E ella, enlaçando-me o pescoço com os braços, murmurou:— Ah! Mendonça!...

Meus senhores! lembrem-se de que Mendonça era o nome do defunto!...



Mas, naquelle momento, não estranhei que ella me chamasse Mendonça. Porque todo eu me sentia Mendonça, todo eu me sentia commendador, todo eu me sentia marido.

E, como ella continuasse a abraçar-me e a beijar-me, procurando com os dedos côr de rosa, nas minhas faces raspadas, as ausentes suissas do defunto, toda tremula de desejo, toda sacudida de amor, toda de-feita em caricias,—fiz conscienciosamente até o fim o meu papel de Mendonça, com ordem, com calma, sem explosões amorosas de poeta, com o methodo de um commendador, para quem os negocios de amor são tão serios como os negocios bancarios. Ella, pela paixão que lhe cantava nos labios e pelo clarão que lhe ardia nos olhos, nem parecia estar abraçando um defunto...



Não me recordo bem do resto. Quando acabou o nosso extase, Laura voltando a si, esgazeou os olhos, deu um grande grito: — « Nossa Senhora! não é o Mendonça! » — e fugiu. Fui a um espelho, verifiquei com cuidado que não tinha suissas. Tomei o meu chapéo, e sahi furtivamente.

Nunca mais voltei ao Jardim Botânico. Com os diabos! Laura era uma bonita mulher, mais eu não estava mais disposto a mudar de personalidade...



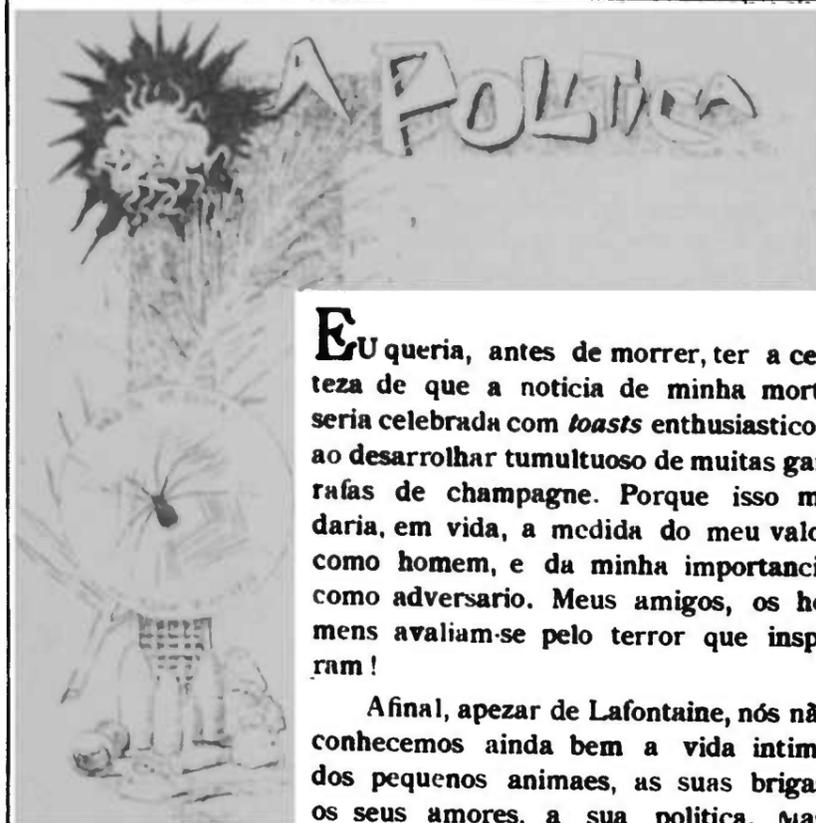
SILVA JARDIM  
Benjamin Constant  
Theodoro da Fonseca  
SAVANHA MARINHO  
SALVANDA MAGALHAES  
Florianópolis

Florianópolis

CIGARRA

# MATER DOLOROSA





**E**U queria, antes de morrer, ter a certeza de que a noticia de minha morte seria celebrada com *toasts* entusiasticos, ao desenvolver tumultuoso de muitas garrafas de champagne. Porque isso me daria, em vida, a medida do meu valor como homem, e da minha importancia como adversario. Meus amigos, os homens avaliam-se pelo terror que inspiram!

Afinal, apesar de Lafontaine, nós não conhecemos ainda bem a vida intima dos pequenos animaes, as suas brigas, os seus amores, a sua politica. Mas,

quem sabe? estou em crer que as rãs bebem champagne, no fundo dos charcos, sempre que lhes chega a noticia da morte de uma aguia.

X

Eu, por mim, não sei nem quero agora saber se o guerreiro morto em Campo Ozorio e o guerreiro morto na Divisa eram republicanos ou monarchistas. O que sei é que eram bravos. E é preciso admirar a bravura, n'um tempo em que ella anda rara como as tulipas azues. Estamos vendo um governador capitão, um governador positivista, um governador philosopho! — abalar o mundo com os bramidos do seu medo, só porque uma cozinheira, tendo lavado mal a panella em que se cozinham as fritadas governamentais de Pernambuco, escapou de mandar para o outro mundo o seu amo comilão. E logo, ai! Jesus! ao influxo do medo presidencial, o azinhavre se converte em atropina, os fios telegraphicos vibram, as Camaras palpitam, as bayonetas se entrechocam, e quasi vem o mundo abaixo com tamanho alarido.

X

Não quero dizer que eu, em identica situação, não tivesse ainda mais medo que o sr. Barbosa Lima. E' mesmo possivel que, em identica situação, eu deliberasse nunca mais comer fritada, nem de atropina, nem de camarões, nem de arsenico, nem de linguaça!

E já agora, a proposito deste caso da fritada, deixem-me dizer-lhes umas tantas cousas, que trago atravessadas na garganta, ha um punhado de dias. O que mais me espanta neste caso é a falta de correccão dos nossos homens de governo.

Os nossos estadistas não teem representação, não teem aprumo, não teem educação, não comprehendem os deveres sociaes do seu cargo.

Já eu não exigiria que um governador tivesse os collarinhos impeccaveis do sr. Carnot, as equipagens luxuosissimas do sr. Perier, as bonitas maneiras do Sr. Faure. Mas, — digam-m'o pelo amor de Deus! — onde é que já se viu um governador comer fritada?

A fritada! uma cousa amarella que, para não esfriar,

vem para a meza dentro da mesma frigideira tostada e oleosa em que foi ao fogo! uma comida capaz de empestar todo um quarteirão com o seu ignobil cheiro de banha frita! Oh! um governador comendo fritada! — que abominavel cousa!

Palavra de honra! acho que, se o sr. José Mariano não tivesse outros motivos de monta para querer apear do poder o sr. Barbosa Lima, bastar-lhe-ia este motivo: o sr. Barbosa Lima, no exercicio do seu alto cargo, dentro do seu palacio, entre os seus secretarios de Estado, — come fritada!!! Abaixo o sr. Barbosa Lima!

X

Mas, retrogrademos. Dizia eu que era capaz de ainda ficar mais assustado que o governador de Pernambuco, se diante de mim apparecesse o espectro da atropina, pulando sinistramente do seio de uma fritada.

Mas, eu sou eu. E o sr. Barbosa é o sr. Barbosa. Eu nasci medroso, e, já agora, medroso hei-de morrer. Mas, do fundo do meu medo, admiro a bravura.

Monarchistas, republicanos, socialistas — sei eu lá? — os mortos notaveis da semana passada eram bravos. *Chapeau bas!*

De resto, lá onde elles agora estão, riem com certeza do entusiasmo dos adversarios e das lamentações dos amigos. Mostrem estes a sua magua com tiros de revolver, mostrem aquelles a sua alegria com libações copiosas, — que teem os mortos com isso? Para elles já não ha politica... Lá em cima não ha a preocupação da fórmula de Governo, meus pobres amigos!

L. F.



Aqui temos no Rio de Janeiro, de volta da Europa, onde, durante sete annos, estudou musica, percorrendo os Conservatorios da Italia, da Franca e da Allemanha, o nosso illustre e bello compatriota Alberto Nepomuceno, professor do Instituto de Musica.

Nepomuceno chega-nos educado, senhor de sua arte, e já quasi celebre, porque as suas composições foram, nas rodas artisticas da Europa, acolhidas com franco entusiasmo. Brevemente, ouvir-o-emos estreiar no Instituto como organista. Entre as composições que o joven mestre vae executar neste concerto de estréa, figuram varios *lieds* allemães, e canções brasileiras, moldadas sobre versos de poetas nossos.

A *Cigarra* beija o Alberto Nepomuceno. E' preciso agora que o Brasil acolha com carinho e applauso o illustre filho, que com tanta gloria representou no estrangeiro o nome da patria.

No proximo numero publicaremos um formoso *soneto inedito* de Arthur Azevedo.

Uma senhora, doceira emerita e republicana feroz, dizia-nos na alguns dias:— Veja o senhor! *O Pais* publicou a receita de um bolo da minha invenção a que dei o nome de *Julio de Castilhos*. Tenho agora um novo podim, a que tenho vontade de dar o nome de *bolo Vespasiano*. mas receio que vejam n'isso uma allusão...



Novelli, antes de nos deixar, quiz dar-nos um presente de rei, dando-nos o *Pão alheio* de Tourgueniéff. Que drama! e que trabalho, o de Novelli! Como me faz bem poder dizer isso do grande actor, uma vez que, para não o desgostar, tinha eu resolvido não dizer uma só palavra a respeito da interpretação de *Othelo*!

Agora, felizmente, posso dizer que, no meu humilde modo de pensar, Novelli deu-nos um *Othelo* abominavel. Posso dizer isso, porque tambem posso dizer que nunca jámais algum actor, em peça nenhuma, tão profundamente me commoveu, tão extraordinariamente me revolveu o coração, como elle,— quando representou, com uma arte sobre humana, com um estupendo poder de observação, o admiravel *Kusofkin* do *Pão alheio*.

Compreendem que é impossivel, n'esta chronica theatral da *Cigarra*, dar o resumo da peça e detalhar as bellezas do trabalho do actor. Quando este numero da *Cigarra* for publicado, já Ferreira de Araujo, na *Noticia*, Arthur Azevedo no *Pais*, Henrique Chaves, na *Gazeta*,— tres mestres da critica theatral, terão dado noticia minuciosa d'essa extraordinaria recita,— da qual a minha pobre alma, torturada, angustiada, sacudida de lagrimas pela representação dos dois bellos actos de Tourgueniéff, guardará para todo o sempre uma recordação profundissima.

Tourgueniéff só era conhecido, aqui, pelas suas novellas. Pouca gente havia lido no Rio de Janeiro *O Pão alheio*. Mas esse drama é tão verdadeiro; nós, brasileiros educados no meio de scenas de escravidão, estavamos tão habituados a conhecer a crueldade fria e o implacavel orgulho dos antigos senhores de escravos negros, tão parecidos com os senhores de escravos brancos na Russia,— que, por assim dizer, a concepção de Tourgueniéff foi immediatamente apprehendida pela platéa do *Lyrico*, e o publico familiarisou-se logo, desde a scena primeira, com os caracteres dos personagens, postos em scena pelo dramaturgo russo. Que drama!— repito eu— ainda abalado por aquelle formidavel estudo da miseria humana!

E que trabalho, o de Novelli! Como elle sabe dar á alma de quem o vê e o ouve, uma piedade sem limites por aquelle pobre velho, exposto á galhofa dos moços-ricos devassos, que cospem sem dó sobre as cans do miserando parasita tudo quanto de mais vil inventou até hoje a maldade do homem! Que scena aquella, em que Kusofkin, intimado a cantar, para divertir a bebedeira dos convivas de Ivan, tenta soltar um fio de voz de creança, e pede chorando que o perdoem, porque a sua garganta—tão velha!—já não tem força para cantar!...

E que coleras sagradas lhe rugem na voz, quando elle, para impôr silencio aos malvados, diz a Ivan: « Respeita o pae de tua mulher, miseravel! »

Quando Olga Petrowna diz a Kusofkin: — « Olha-me bem em face, se és capaz, para que eu acredite que não calumnias minha mãe! »— Novelli, sob os cabellos brancos do desgraçado comedor do pão alheio, tem um olhar tão humano, tão nobre, tão altivo, tão fulminante,— que é preciso não ter coração para não chorar com o espectáculo d'aquella inenarravel desgraça...

Nos outros theatros, nada de novo, a não ser um tal Onoffroff, charlatão hypnotisador que faz *trucs* no Lucinda, — e as borracheiras, que duas companhias portuguezas, do Trindade de Lisboa e de não sei que theatro do Porto, estão representando no *S. Pedro* e no *Apollo*. Cousas que não merecem noticia.

O que merece, não só noticia, mas applauso, e applauso entusiastico, é a ideia aventada pelo nosso mestre Ferreira de Araujo de vir Novelli todos os annos ao Rio de Janeiro, afim de dar o concurso do seu talento e do seu saber á formação do nosso Theatro Nacional. O que é preciso é que a ideia não morra no berço. Meus amigos! não ha de ser com as lições de arte que nos dão as duas companhias que estão no *Apollo* e no *S. Pedro*, que conseguiremos ter actores supportaveis.

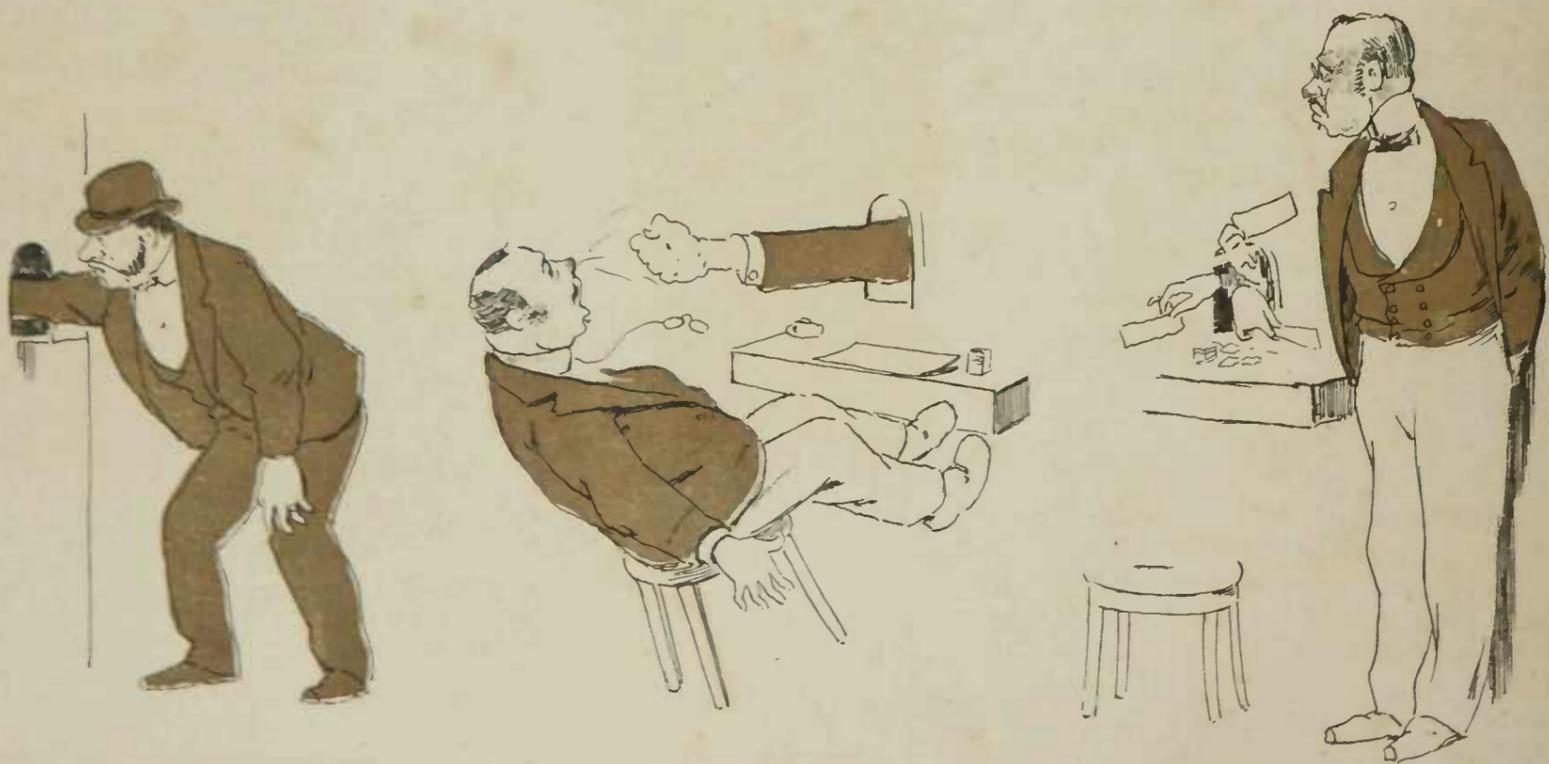
Um bom movimento! Não deixemos que Novelli saia do Rio de Janeiro, sem que o tenhamos amarrado á realização desse plano por meio de uma promessa formal.

O.

# UM FUNCIONARIO AMOROSO

Ha na estação Central da estrada de ferro um bilheteiro que aproveitando-se do seu lugar, faz a corte a quantas senhoras vão comprar bilhetes para os suburbios, passando-lhes juntamente com estes cartinhas amorosas, pedindo *rendez-vous*.

D'O Paiz.



J. V. MACHADO